

# O PROLETÁRIO

Nº  
46

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas.  
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário  
a cobrança de R\$ 1,00.

## NESTA EDIÇÃO:

(um real) para o custeio da

|  |              |
|--|--------------|
| <b>As Eleições e a Democracia</b>  | <b>02/03</b> |
| <b>Cuba</b>  | <b>04/05</b> |
| <b>O proletariado mundial tem que se pôr em pé na luta em apoio a nossos irmãos da classe do Iraque.</b> | <b>06/09</b> |
| <b>Em defesa de uma Central Proletária Soviética</b>   |              |
| <b>Avaliação do XX Congresso da APEOESP</b>  | <b>12/13</b> |
| <b>Marcha a Brasília contra as Reformas do Governo Lula/ PT e do imperialismo.</b>                       | <b>14</b>    |
| <b>RETIRADA IMEDIATA DE TODAS AS TROPAS FRANCE- SAS DA COSTA DO MARFIM!</b>                              | <b>14/15</b> |
| <b>CULTURA E SOCIALISMO</b>  | <b>16/18</b> |

**Escreva para o Jornal *O Proletário*  
Caixa Postal n.º 140  
CEP 09910-970, Diadema, São Paulo**

**Adquiram:**

**Boletín de Discusión Internacional N.º1  
*Vocero del Comité de Enlace por una Conferencia Internacional  
De los trotskistas principistas y las organizaciones obreras  
revolucionarias internacionalistas***

Nestas eleições municipais, tivemos um momento particular para a comprovação do caráter de ditadura do capital que representa a democracia burguesa.

Os setores burgueses se articularam em blocos econômicos; constituíram juntamente com os atuais prefeitos, vereadores, governos estaduais e federal, verdadeiras máquinas de compra (um mercado de compra e venda de candidatos e de apoios). Valeu de tudo, menos a soberania e a vontade do “povo”.

Na mira das eleições municipais estava a eleição para deputados e para presidência em 2006.

O proletariado brasileiro não pode ter uma participação independente (como classe) nestas eleições. Algumas Organizações ditas Marxistas que participaram do processo com candidatos, além da pequenez numérica se posicionam com inconseqüência programática, sem base popular, não propiciando nem mesmo o debate entre os oprimidos das idéias e da organização revolucionária neste limitado espaço que é a eleição burguesa.

O PSTU se limitou a demonstrar que o Governo PT/Lula deveria romper com o imperialismo, não pagar a dívida externa para assim sobrar dinheiro para fazer as obras públicas de que os trabalhadores necessitam. A CO(Causa Operária) ficou com generalidades sectárias. Não se deu nos debates, mesmo destas organizações, a caracterização de crise de superprodução capitalista e sua barbárie, da necessidade do Socialismo, da expropriação da burguesia pelo método da luta direta e a organização revolucionária.

Vários setores que se reivindicam do Marxismo e o POM(Partido Operário Marxista) chamaram o voto nulo programático no primeiro e no segundo turno.

As disputas nos grandes meios de comunicação e no poderio econômico se deram de forma polarizada na maioria das capitais entre PT e PSDB, e em muitos municípios, entre PMDB, PFL etc.

O PT evoluiu com suas alianças, na corrupção e no vale tudo para administração burguesa. A grande burguesia já demonstrou totalmente sua confiança no “Partido dos Trabalhadores”.

Cada dia fica mais difícil para o PT se mostrar diferente do PSDB e dos outros grandes partidos burgueses. No governo Federal, está indo mais a fundo do que o PSDB nas reformas imperialistas. A reforma da previdência, que o PSDB não conseguiu implementar porque não tinha base social nos Sindicatos e Movimentos devido o PT nos Sindicatos e nos movimentos fazendo a oposição pelo poder. Agora, com o governo PT/Lula, juntamente com a CUT, Igreja e Movimentos atrelados ao PT no governo, tornou-se possível seguir em frente com as reformas imperialis-

tas. Na Reforma da Previdência, o funcionalismo público teve a idade para se aposentar aumentada em média 7 anos, isto é, se “aposentação”(quase todos) somente depois de mortos.

A reforma sindical proposta pega a principal bandeira do PSDB e da Força Sindical de sobrepor as Negociatas das cúpulas sindicais a Lei Trabalhista(o negociado vale sobre o legislado). Propõem acabar com o imposto sindical que representa em média 3,5% do salário do trabalhador por até 15% através das taxas negociais. Já a CLT, inspirada na Constituição de Mussolini, é de longe progressiva diante da integralização dos Sindicatos ao Estado, o que é proposto na Reforma do FNT(Fórum Nacional do Trabalho) do PT e da CUT. As reformas Universitária e Educacional representam um maior sucateamento da educação pública e o fortalecimento do ensino privado, com a injeção de mais verba neste setor.

Como ficam as diferenças entre PT e o PSDB? Por exemplo:

Em termos programáticos, os dois estão no mesmo campo. Adotam o programa imperialista de adequar o Estado à crise do capitalismo; acabam com os direitos históricos dos trabalhadores; acabam com as conquistas trabalhistas e, além disso, praticamente privatizam toda a economia e o próprio Estado. A diferença principal(e talvez a única)é que o PT conta com uma base sindical, igreja e movimentos como base de sustentação de governo e que, por isso, conseguem implementar as medidas imperialistas e colocar os impostos pagos pelos trabalhadores de forma cabal nas mãos dos capitalistas. O PT pode aplicar inclusive um maior arrocho salarial como o que estamos passando, de perdas do poder de compra da ordem de uns 90%. Então, a diferença programática apregoada na hora PT oposição (distribuição de renda, reforma agrária, emprego e melhorias salariais, etc.)passou, é passado. Agora estamos no poder e a serviço do grande capital, como estava e está o PSDB.

Uma outra diferença que apregoava o PT era de que o partido era ético. Não roubava e administrava o dinheiro público com transparência etc. Quem acompanhava a administração das Prefeituras Municipais dirigidas pelo PT já tinha visto de perto a tal da ética petista. Agora, com dois anos de governo e Lula no poder central, foi possível mostrar que a ética defendida é a ética burguesa de administrar o Estado para a burguesia e de que o sistema capitalista traz nas suas colunas mestres a corrupção na forma representada pela exploração da mais-valia ao lucro e ao enriquecimento a qualquer custo.

## As experiências do Movimento Operário Internacional

Apesar de que o Movimento Operário na sua origem acreditasse ser possível aos trabalhadores chegarem ao poder através das eleições; apesar de que o Movimento do Cartismo no século XIX pensasse que pelas eleições e que os trabalhadores em sua maioria iriam tirar a burguesia do poder, apesar de tudo isto, a história do movimento mostra o contrário. Nas ocasiões em que o proletariado pensou ter assumido o poder através de representantes poli-classistas ou de Frente Popular, a burguesia rapidamente agiu e tirou estes representantes do poder com mar de sangue.

Nas disputas eleitorais, o que prevalece naturalmente é o poder econômico e a compra “até mesmo” do voto. Muitos trabalhadores, mesmo os combativos, acabam negociando uma promessa de forma individual: uma camiseta, uma cesta básica, promessa de um emprego, uma aposentadoria, uma consulta médica, e por aí vai. Nestas eleições houveram muitos shows e cantores famosos para atrair os trabalhadores aos comícios. Gastaram rios de dinheiro com esses shows.

Em 1871 os operários parisienses tomaram o poder por uma insurreição e passaram a administrar o Estado normalmente, instituíram o Estado tipo **Comuna**, daí o nome de **Comuna de Paris**. A falta de experiência da classe operária em escala internacional fez com que os trabalhadores acreditassem que estava tudo bem. Não armaram um forte esquema de retaguarda a uma possível contra-revolução burguesa. Resultado: a burguesia organizou a contra-revolução e acabou com o Movimento em um banho de sangue. Karl Marx e Frederico Engels se debruçaram sobre este acontecimento (ou seja, estudaram o assunto a fundo) e constataram a necessidade dos operários e trabalhadores, se quiserem lutar pelo poder (colocar as fábricas e as terras nas mãos dos trabalhadores), teriam que lutar pela **Ditadura do Proletariado**. Deram fundamentação teórica para o conteúdo da chamada democracia no capitalismo como sendo a ditadura de uma minoria capitalista por cima da grande maioria dos trabalhadores explorados. E também, de que a Ditadura do Proletariado é a verdadeira Democracia Operária, ou seja: onde a vontade da grande maioria dos trabalhadores se sobreporá à minoria burguesa

exploradora. E mais ainda, de que os trabalhadores deverão estar armados e organizados no Estado Operário até o fim da burguesia e a exploração de classe em escala mundial.

Em 1917, os operários russos tomaram o poder e instituíram o poder soviético (poder dos conselhos ou união dos conselhos, União Soviética). A burguesia mundial ficou enfurecida, amaldiçoou os operários do mundo inteiro. Vários exércitos imperialistas invadiram a Rússia, isolando-a totalmente do resto do mundo. Os trabalhadores só contavam com suas organizações em escala internacional. As dificuldades enfrentadas, as constantes guerras para defesa da revolução, fizeram com que os operários se cansassem. A Rússia era um país atrasado e composto, na sua maioria, de camponeses. Não faltasse todos estes problemas, com a morte de Lênin, assumiu a Direção do Estado Josef Stálin, transformando a Ditadura do Proletariado na **Ditadura Burocrática do Estado Operário degenerado**.

Os operários russos e o movimento operário internacional não conseguiram reverter esta situação e a burocracia do Estado Operário degenerado fez voltar a burguesia ao poder e então, as fábricas e as terras voltaram a ser privadas. Hoje, o país vive em uma miséria total.

Principalmente com a Segunda grande Guerra Mundial, vários países foram incorporados ao bloco da União Soviética (Estados Operários degenerados ou Socialismo burocrático rumo ao capitalismo). Por longos anos se configurou dois blocos hegemonicamente opostos: *socialistas versus capitalistas*.

Hoje podemos afirmar que, destes países do bloco socialista burocrático, ainda persiste Cuba, mas em estado avançado de capitalização. Vejamos na página seguinte:

# Defendamos as bases sociais da economia Cubana. Defendamos a Revolução Política e não a continuidade da Revolução Social

Na América, a implantação do socialismo já se dá nos marcos burocráticos e a Revolução Cubana acabou se sobrepondo à política foquista e pequeno-burguesa, nos embates com a Ditadura de Fulgêncio Batista e o Imperialismo Americano, assumindo o caráter socialista e instaurando o Estado Operário na América, luta esta que se deu de 1956 a 1962.

As empresas norte-americanas controlavam 75% das terras, 90% dos serviços e 40% da produção de açúcar (aliás, importavam quase toda a produção de açúcar). Em 26 de julho de 1953 um grupo formado pelo advogado Fidel Castro tenta iniciar uma insurreição com apoio de setores do Exército. Fracassa no assalto ao quartel Moncada, em Santiago. Castro é julgado e anistiado, exilando-se no México em 1954, onde funda o Movimento 26 de Julho e organiza um destacamento guerrilheiro que desembarca na província de Oriente em dezembro de 1956. Seu objetivo é alcançar Sierra Maestra e instalar uma base guerrilheira de onde possa expandir a luta para todo o país.

Fidel Castro Ruz (1927- ) é o político cubano que lidera a Revolução em 1959 e governa o país desde então. Filho de um rico fazendeiro espanhol, Fidel estuda direito e começa a se destacar na política em levantes contra o ditador Fulgêncio Batista. Como advogado passa a defender gratuitamente camponeses, operários e prisioneiros políticos. É preso em 1953, depois de frustrada tentativa de golpe, é condenado a 15 anos. Anistiado em 1958, vai para o México e começa a arquitetar novo golpe contra Batista. Conhece Ernesto Guevara, também conhecido como Che que se incorpora ao seletivo grupo.

Fidel, como parte da história recente de Cuba, representava a real oposição ao regime de Fulgêncio Batista, acabou incorporando juntamente com seu grupo, toda a insatisfação do povo cubano que era massacrado política e economicamente pela ditadura de Batista e pela opressão imperialista americana em todos os níveis. Assim,

a revolução se consolida apesar de Fidel e seu grupo não ter em mãos um programa (Partido) e representava a luta contra a ditadura, pela reforma agrária e justiça social.

Com as medidas adotadas nos primeiros anos de seu governo, choca-se com o império americano e assim a revolução cubana se transforma em antiimperialista, alinhando-se à União Soviética.

Ernesto Guevara (Che), médico argentino, assume uma posição internacionalista e diante da organização da contra-revolução, do boicote e isolamento da Revolução Cubana e da situação colocada no Vietnã, parte para a exportação da revolução usando o método que em condições particulares deu certo em Cuba. Assim, reúne 3 companheiros e se dirigem para o Congo. Víctor Dreke, que foi como Roberto Suárez, José María Martínez Tamayo, que foi com o nome de Ricardo e Ernesto Guevara, conhecido como Ramón. A tentativa de revolucionar o Congo fracassa, planejam assim ir para Peru; não prosperando, se dirigem para a Bolívia e acabam todos mortos naquele país.

Fidel, aliado com a Rússia Soviética e com a política do Socialismo em um só país, da burocracia e seus privilégios, da convivência pacífica com o imperialismo, no máximo, tentava exportar sua política de unir os governantes burgueses da América para se contrapor aos embargos americanos.

O capitalismo, como analisado por Marx, entra em crise e caminha para a barbárie caso não se confirme a revolução proletária, devido à concentração de capital e empobrecimento das massas, disto resultando no fenômeno da crise de superprodução capitalista, guerras por mercado e mais barbárie, devido à propriedade privada dos meios de produção e os interesses contraditórios que decorre desta, entravando os meios de produção. No chamado socialismo em um só país, de Stalin, imposto na Rússia após 1924 e que se tornou política socialista em escala internacional, a

burocracia e a democracia formal apresenta-se como elemento de entrave dos meios de produção e como germe do retorno da propriedade privada dos meios de produção. A análise marxista deste fenômeno realizada por Trotski pode prever os destinos destes Estados operários degenerados. Ou a classe operária retomava o poder para as mãos dos Sovietes, expulsando a burocracia do poder em uma Revolução política ou a política da burocracia e a democracia formal iria reconduzir a propriedade privada dos meios de produção em uma nova Revolução Social.

Como o operariado e o movimento Socialista Internacional foi incapaz de se organizar em um Partido Mundial da Revolução Socialista e incapaz de interferir no sentido da revolução política, vimos o desmoronamento da União Soviética e dos Estados Operários (Alemanha, Polônia, China, Iugoslávia, Checoslováquia). Podemos dizer que Cuba ainda é um Estado operário degenerado, porém em um estágio adiantado de capitalização. Se não, vejamos:

Em 15 de fevereiro de 1982 foi editado um Decreto Lei de n.º 50 em que introduzia as Associações econômicas entre as organizações Cubanas e estrangeiras. Já em 05 de setembro de 1995 foi promulgada a Lei N.º 77— Lei do investimento estrangeiro. Esta Lei aprimorou e ampliou o Decreto n.º 50 e deu todas as garantias e condições para o Investimento do capital estrangeiro e do capital nacional em formação de companhias mistas ou totalmente privadas em Cuba. A alegação é a de que o isolamento da Revolução e a hegemonia do capital imperialista, bem com a globalização, levou-os à tal necessidade.

Nada de novo e estranho. Trata-se do acerto da análise marxista— Ou o Proletariado expulsaria a burocracia retomando o poder dos Sovietes e a política internacional do proletariado ou a propriedade privada teria seu retorno.

O grande desafio do proletariado revolucionário em defesa do Estado Operário e da Revolução Socialista Mundial é a construção do Partido Mundial da Revolução Proletária. Partido Programa.

Diante da traição política de vastos setores que inclusive se reivindicam do trotskismo,

diante da derrubada do muro de Berlim e dos Estados Operários degenerados, da política agressiva da burguesia mundial e da Social Democracia, tudo isto como instrumentos de confusão ideológica, com as campanhas da vitalidade do capitalismo e da falência do comunismo etc; diante do papel nefasto que representa o Castrismo, o Lulismo, Chavismo para a sustentação da política do imperialismo, da destruição das Organizações independentes e de ampliar a confusão política na juventude, nos movimentos e na vanguarda, de que um outro mundo é possível nos marcos do capitalismo; diante do papel nefasto que representa o Fórum Social Mundial como bem fundamenta a FTI-CI, diante de tudo isto, está colocado para as organizações que se agrupam no Comitê de Discussão Internacional em prol de uma Conferência Internacional dos Trotskistas principistas e das Organizações Revolucionárias Internacionalistas a proteção de um organismo internacional de discussão política programática e de ações comuns práticas na luta de classes internacional, com intercâmbio das políticas que estão sendo aplicadas em cada país, armando e potenciando a discussão da intervenção política e a própria discussão programática. Da luta por homogeneizar um grupo em prol da construção do Partido Mundial da Revolução Proletária (IV Internacional), com direito de Tendência e Fração, que defenda as bases programáticas conquistadas no processo histórico, ou seja: O Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels, os 4 primeiros Congressos da III Internacional Comunista, o Programa de Transição e as teses da Revolução Permanente.

**Vive a resistência heróica dos milicianos e os trabalhadores de Fallujah e de todo o Iraque!**

**Pela derrota militar de todas as tropas imperialistas invasoras, e pela vitória da heróica resistência iraquiana!**

**O proletariado mundial tem que se pôr em pé na luta em apoio a nossos irmãos da classe do Iraque.**

**Chamamento das organizações operários, camponesas, estudantis e antiimperialistas.**

Uma violenta operação "fúria fantasma", quer dizer, de um ataque brutal de 18.000 fuzileiros navais americanos e de 2000 nativos do " novo exército de Iraque" contra à cidade de Fallujah, o bastion da heróica resistência das massas iraquianas. Um verdadeiro genocídio, com bombardeios maciços contra as residências, hospitais, mesquitas, com os fuzileiros navais avançando ao norte e no centro cidade revistando casa por casa.

O imperialismo anglo-ianqui, aposta com esta ofensiva do genocida, em terminar de impor no Iraque um protetorado estável e poder realizar em janeiro o circo das urnas "eleições" para tratar de legitimá-los, questão que não tem conseguido pela resistência tenaz e inesgotável das massas de Iraquianas. Portanto, a ONU e os carneiros imperialistas franceses e alemães que tanto cacarejavam sobre a "paz", mantêm o silêncio total ante o massacre em Fallujah e deixam correr.

Fallujah está sem energia elétrica, sem água, sem alimentos, sem medicamentos, sem hospitais, citada pelas tropas imperialistas que não permitem ingressar ajuda. Os Yankees tomaram um hospital, e ao outro destruíram com explosões, matando a 20 médicos e dezenas de pacientes feridos.

As ruas estão cheias dos cadáveres, de milicianos combatentes, de mulheres, de crianças, de anciãos. Os milhares do feridos nos bombardeios estão morrendo por falta de atenção médica. Outros, diretamente são fuzilados a queima-roupa pelos fuzileiros navais assassinos.

Porém, sob aquelas circunstâncias terríveis, rodeado por dezenas de milhares de soldados armados até os dentes, resistem heroicamente em uma exemplar indomável resistência dos trabalhadores e do povo de Fallujah martirizada. Os combatentes, agora agrupados ao sul da cidade, debilitados ainda, sem alimento, sem água, continuam lutando, forçando aos invasores uma guerra de guerrilhas casa por casa, metro por metro.

Visto que de quinta-feira 11 o alto comando ianqui vinha anunciando que mais tardar no sábado do dia 13, teria Fallujah sobcontrole, e dias mais tarde os combates continuaram: os assassinos imperialistas não conseguiram dobrar os combatentes nem os trabalhadores e o povo de Fallujah.

Porém, ademais, por cada miliciano da resistência de que cai na batalha de Fallujah, outro levanta-se em Mosul, em Bakuba, em Ramadí, em Samarra, em Baiji, em

Bagdad.

Assim, os combatentes da resistência assaltaram as estações de policiais em Mosul (ao norte de Iraque), permaneceram com as armas, fizeram ruir as tropas iraquianas colaboracionistas, e tomaram o controle dessa cidade de três milhões de habitantes. Os ianques foram obrigados à mandar dois batalhões de Fallujah para recuperar o controle da cidade. Em Bakuba, ao norte de Bagdad, a resistência tomou comissários e se enfrentou com as tropas imperialistas. Combate também em Samarra, em Baiji, em Bagdad, e em Ramadi que desde algumas semanas estão nas mãos da resistência.

*Viva a heróica resistência dos milicianos e dos trabalhadores e do povo de Fallujah! Viva a luta dos combatentes anti-imperialistas em Mosul, Ramadi, Bakuba, Bagdad e em todo o Iraque!*

*Pela derrota militar dos carneiros imperialistas, das tropas genocidas de Bush e de Blair, e dos nativos "do exército de Iraquiano colaboracionista!"*

*Pelo triunfo da heróica resistência das massas iraquianas!*

*Abaixo o regime do protetorado e o do governo fantoche de Alawi outros colaboracionistas!*

*Fora do Iraque as mãos da ONU e dos carneiros imperialistas franceses, alemães e espanhóis!*

*A heróica resistência das massas iraquianas entregue pelas burguesias nacionais do Iraque, do Irã e de todo o Oriente Médio.*

As massas iraquianas que resistem heroicamente ao invasor em Fallujah e no resto do Iraque, tem recebido uma vez mais uma verdadeira punhalada pela espada das distintas frações da burguesia do Iraque – tanto as ligadas aos negócios do petróleo (Sunita) como a burguesia do comércio e de Bazaar (Siita) -, do Irã e de todo o Oriente Médio. Distintas frações da burguesia nacional iraquiana, tanto sunita como siita, colaboram diretamente com a ocupação, mantêm ao governo fantoche de Alawi, e conforma-se no conselho nacional do Iraque, um fantoche de "parlamento". Diante do ataque de Fallujah em 8 de novembro, o partido islâmico (Sunita), se retirou do governo e do parlamento e disse que boicotará as eleições que os ianques pretendem

realizar em janeiro de 2005. Porém as massas de Iraquiana foram entregues também por Moqtada ao Sadr e pela fração da burguesia Siita que o representa. E que foi que entregou faz alguns meses a resistência de Najaf, Nassiriya e Kut, pactuando com o imperialismo, forçando os milicianos a entregar as armas e anunciando que está vendo a possibilidade de apresentar-se nas "eleições" de janeiro.

Separaram às massas de Shiitas, de seus irmãos de classe os Sunitas de Fallujah e das cidades do chamado "triângulo sunita". Assim, visto que em abril e em maio as massas siitas apoiaram ativamente a luta de Fallujah, indo inclusive à lutar nessa cidade, hoje as frações diferentes da burguesia chíta se mantêm separadas de seus irmãos de Fallujah.

Isto dividiu a burguesia chiita do Iraque não é mais do que a expressão de dividir dos ayatollahs e da buurguesia de Bazar do Irã – estes velhos serventes do imperialismo francês de a cujo interesses respondem. Assim, aqueles ayatollahs que no nome do Islan e de Corán tem passado cacarejando e ameaçando com a "Jihad", com a "guerra Santa contra o infiel", hoje mantêm um silêncio total frente ao massacre de Fallujah, visto que a máxima voz do Iraque, a Sistani saiu para dizer que os milicianos que resistem dentro de Fallujah, são tão repudiáveis como as tropas imperialistas que ocupam o país e os massacram. É que a burguesia iraniana de Bazar fechou já o seu negócio, acordando com os carneiros imperialistas britânicos, Franceses e alemães - e com a aprovação de Bush -, para conter o desenvolvimento de armas nucleares no Irã, e reivindicou de que a União Européia insista e pressione os Estados Unidos para que o Irã seja admitido na organização mundial do comércio.

A mesma organização nefasta que jogou e joga a burguesia da Jordânia, da Síria, de Egito, estão guardando absoluto silêncio sobre o massacre em Fallujah. O mesmo estão fazendo as distintas frações da burguesia nacional palestina, que após a morte de Arafat, disputam o poder e os negócios entre eles, e para vender-lhe o cimento aos israelenses com o que constroem a parede da infâmia contra seu próprio povo na Cisjordânia!-, sob o sangue e o martírio da classe operária do povo palestino.

E que como toda burguesia nacional, as distintas frações da burguesia iraquiana, a burguesia iraniana e as do Oriente Médio, utilizam a luta e a resistência das massas para regatear com imperialista sua fatia dos negócios. Porém, uma vez que contabilizaram seus números e pactuaram com o invasor deixam a vanguarda mais combativa e heróica à mercê do massacre nas mãos das tropas imperialistas, como estão fazendo hoje com os combatentes de Falujah martirizados.

Somente a classe operária junto as seus aliados, os pobres das cidades e do campo que não tem nenhum interesse que os ate ao imperialismo, é a que pode levar até o final a luta por afastar e derrotar o invasor imperialista, transformando a heróica resistência e a guerra nacional no início da revolução proletária no Iraq, no Irã, na Palestina e em todo o Oriente Médio.

Para derrotar e expulsar ao invasor: transformar a Iraque e a todo Oriente Médio no tumulto das tropas imperialistas.

Ontem, a Guarda Republicana de Hussein se entregou ao imperialismo sem disparar um tiro.

Hoje, todas as burguesias de Oriente Médio se põem de joelhos ante Bush. Está por demais claro quem deve dirigir a guerra nacional para derrotar e expulsar ao imperialismo: a classe operária e os camponeses pobres de Iraque e de todo Oriente Médio, e fundamentalmente, a classe operária norte-americana e das potências imperialistas que são as encarregadas de dar-lhe o combate a suas próprias burguesias imperialistas assassinas e expropriadoras dos povos oprimidos.

A indomável resistência iraquiana é irmã da heróica resistência do povo palestino submetido aos assassinatos e o martírio que impõe o Estado de Israel e seu exército genocida, e também à entrega de sua luta nacional por parte da burguesia palestina que ontem foi servente dos acordos de Oslo, e hoje o é dos acordos "de paz", isto é, da paz dos cemitérios e do Muro do apartheid contra seu próprio povo.

O triunfo da resistência iraquiana daria um enorme impulso aos operários e os explorados palestinos em sua luta por destruir ao Estado de Israel e impor sobre suas ruínas um Estado Palestino laico, democrático e não racista sob um governo operário e camponês das massas palestinas auto-organizadas e armadas. Este é o caminho para converter a Oriente Médio no Vietnã e na tumba das tropas imperialistas assassinas, transformando a luta antiimperialista e a guerra nacional iraquiana no início da revolução socialista em Iraque e em todo Oriente Médio, derrotando aos regimes e governos das burguesias capachas e marchando à conquista de uma República Operária e camponesa de Iraque, e de uma Federação de Repúblicas Operária-camponesa de Oriente Médio, única possibilidade de terminar com a opressão, a exploração, a espoliação e os massacres recorrentes às que submetem aos operários e explorados da região o domínio do imperialismo e de seus sócios menores das burguesias nativas.

A heróica resistência de Fallujah, Mosul, Bakuba, Baiji, Ramada, coloca a necessidade de que irrompa, como o fizesse ontem frente à guerra de Vietnã, a classe operária norte-americana que foi naqueles anos a que com sua luta nas ruas ao grito de o "inimigo está em casa!" Foi a protagonista da derrota militar ianque junto com as heróicas massas vietnamitas. Da mesma maneira, hoje, a classe operária norte-americana começa a ganhar as ruas. A besta imperialista precisa e merece um novo Vietnã. Os trabalhadores norte-americanos têm em suas mãos a chave do triunfo da resistência iraquiana, a condição de colocar-se por cima à traidora burocracia sindical da AFL-CIO.

A Social-democracia, o stalinismo, as aristocracias e burocracias operárias: todos em silêncio, todos cúmplices do massacre imperia-

lista em Fallujah. A classe operária norte-americana começa a pôr-se de pé: **por outro Vietnã para** derrotar à **besta** imperialista!

Frente ao brutal ataque imperialista e à heróica resistência de Fallujah, fez-se escutar o silêncio atronador e o cinismo da burocracia Castrista, dos coronéis supostamente “antiimperialista” como Chávez, das aristocracias e burocracias operárias de todo pelagem, e do Foro Social Mundial.

Todos eles, que impulsionaram nos Estados Unidos mobilizações enormes sob a consigna “Qualquer menos Bush”, isto é, chamando aos trabalhadores a apoiar ao açougueiro democrata Kerry, não se dignaram a mover um só dedo quando Bush e as tropas ianques –com o visto bom de Kerry e o Partido Democrata- entram a sangue e fogo em Fallujah. Nas potências imperialistas européias, o mesmo silêncio atronador guardam social-democratas, stalinistas, as aristocracias e burocracias operárias: nenhuma palavra, nem o mínimo chamado à ação em solidariedade com nossos irmãos de classe de Iraque!

Na América Latina, Chávez segue vendendo alegremente petróleo aos ianques para que alimentem a máquina de guerra com a que massacram à resistência iraquiana. Enquanto, seus amigos da burocracia cubana guardam absoluto silêncio frente ao martírio dos trabalhadores e o povo de Fallujah, depois de ter tido o cinismo de mandar-lhe condolências ao Bush frente ao auto atentado às Torres Gêmeas que este organizou com seu sócio Bin Laden. É que não são mais do que continuadores da traidora burocracia stalinistas que entregou à URSS à restauração capitalista e se reciclou em burguesia, e dos novos mandarins chineses que, depois de massacrar em Tian Na Men, hoje são todos burgueses que passeiam pelo mundo fazendo negócios sobre o sangue e a escravatura dos obreiros chineses.

O mesmo silêncio, a mesma inanição, guardam as centrais sindicais de América Latina. Aí está a burocracia b pelega da CUT brasileira sustentando ao governo de Lula, o servente de Bush que lhe mandou tropas vendidas ao Haiti. A direção da COB boliviana e Solares, quando os operários e camponeses bolivianos em sua luta em defesa de seu gás e seu petróleo enfrentam aos mesmos monopólios petrolíferos imperialistas que massacram em Iraque, não moveram um dedo. Em Argentina, a CGT e o CTA, de joelhos frente ao imperialismo, apóiam ao governo de Kirchner e ao regime do pacto social vendidos dos ianques, que mantém aos lutadores obreiros nos cárceres como reféns. Todos, sociais-democratas, stalinistas, castristas, burocrata sindicais, com seu silêncio e sua

inanição, são cúmplices do massacre imperialista em Fallujah!

À classe operária latino-americana lhe vai a vida em que triunfe a resistência iraquiana. O destino das gloriosas ações revolucionárias de Equador, de Argentina, de Bolívia depende, em última instância, do destino da heróica resistência das massas iraquianas. Porque o futuro que lhes deparam o imperialismo e seus lacaios das burguesias nativas às nações semicoloniais da América Latina, é o de ser protetorados como Haiti, como Kosovo, como Afganistão. Nesse espelho deverão olhar-se os obreiros e explorados do continente se é achata a resistência das massas iraquianas! Por isso, não há tarefa mais importante do que impor a ruptura das organizações operárias e camponesas de América Latina com os regimes e governos vendidos, serventes de Bush e inimigos declarados da luta antiimperialista das massas.

Do 3 ao 11 de dezembro, o proletariado norte-americano chama a pôr “Um Milhão de trabalhadores contra a guerra” em Washington. As organizações obreiras, camponesas, estudantes e antiimperialistas têm que tomar em suas mãos esta moção, para que nessa semana sejamos milhões de trabalhadores em todo mundo ganhando as ruas pela derrota das tropas ianques e pelo triunfo da resistência iraquiana!

Em Fallujah, em Mosul, em Bakuba, em todo Iraque, está-se desenvolvendo hoje um dos combates decisivos da luta de classes mundial.

A classe operária de todo mundo tem que se pôr já em pé de luta em apoio a nossos irmãos de classe de Fallujah e de Iraque, pela derrota militar de todas as tropas imperialistas invasoras, e pelo triunfo da heróica resistência iraquiana!

Há que seguir já o exemplo das organizações obreiras, estudantis e antiimperialistas de Venezuela que constituíram um Comitê Antiimperialista de Apoio à Resistência Iraquiana, que convoca a uma manifestação nacional o 27 de novembro em Caracas, lutando pelo “Boicote petrolífero aos ianques” para terminar com essa vergonha que Chávez lhes impôs aos trabalhadores venezuelanos e do continente por estar provendo-lhe petróleo ao açougueiro Bush e a suas tropas invasoras! ¡Nem uma gota mais de petróleo venezuelano para os assassinos imperialistas!

A classe operária das potências imperialistas pode golpear ao coração mesmo das potências imperialistas, porque para ela, o principal inimigo está em casa. Para isso, é necessário que rompam com a subordinação que lhe

impõem a aristocracia e a burocracia operária a sua própria burguesia imperialista nos Estados Unidos; e em Europa, aos imperialistas "democráticos" franceses que hoje massacram em Costa do Marfim e os não menos açougueiros alemães que participam com suas tropas da ocupação de Afeganistão.

A classe operária dos Estados Unidos e das potências europeias tem em suas mãos a arma mais potente: o poder de atacar no interior mesmo das potências imperialistas, a propriedade e os interesses dos monopólios que saqueiam e massacram em Iraque, com seus métodos de luta, com a greve, o piquete, o boicote, a mobilização nas ruas. Têm em suas mãos a possibilidade de quebrar-lhe o espinhaço à maquinaria de guerra imperialista, e de garantir que cheguem armas para a heróica resistência iraquiana. Com a greve, com o boicote, com os piquetes, paralisando as fábricas de armas, os portos, o transporte, podem impedir que lhe cheguem armas e petrechos às tropas ianques, britânicas, japonesas, etc. que massacram em Iraque. E ao mesmo tempo, podem garantir que si saiam todos os embarques de armas, petrechos, alimentos e medicinas destinados àqueles países dos que se nutre a heróica resistência iraquiana.

Há que aprofundar o caminho que ontem marcou a classe operária do Estado Espanhol rebelando-se contra Aznar ao grito de "Vossa guerra, nossos mortos", e que já está marcando a vanguarda da classe obreira norte-americana que começou a pôr-se de pé contra a guerra! De costa a costa dos Estados Unidos se estão realizando centenas de ações e mobilizações, silenciadas e censuradas pela imprensa imperialista

O Comitê por uma "Marcha de um Milhão de trabalhadores contra a guerra", impulsionado pelo sindicato local de portuários de Oakland e aos que aderiram centenas de sindicatos locais rompendo a disciplina da burocracia sindical da AFL-CIO, vem de realizar uma em massa marcha em 17 de outubro e prepara uma semana de luta e mobilização contra a guerra entre o 3 e o 11 de dezembro nos Estados Unidos.

Os revolucionários internacionalistas que assinam esta declaração, fazemos um apelo às organizações operárias, camponesas, estudantis, antiimperialistas e que se reivindicam do socialismo revolucionário: cotovelo a cotovelo com os operários norte-americanos, há que transformar nesses dias numa semana mundial de ação antiimperialista da classe operária e dos explorados pela derrota dos assassinos imperialistas e pelo triunfo da resistência iraquiana.

A esta semana de luta antiimperialista mundial, é necessário prepará-la desde já com marchas às embaixadas ianques, com mobilizações nas ruas, com moções e pronunciamentos de sindicatos, das assembléias das organizações obreiras, do movimento camponês e estudantil, para pôr toda a força da classe operária mundial a serviço da derrota das tropas assassinas de Bush e Kerry, e pelo triunfo das massas iraquianas.

Os revolucionários internacionalistas fazemos um apelo a que esta proposta e esta moção dos trabalhadores norte-americanos sejam levadas a todas as organizações operárias e de luta de América Latina, de Europa, do mundo, para que do 3 ao 11 de dezembro sejam milhões de trabalhadores ganhando as ruas contra Bush, os açougueiros imperialistas e sua guerra de massacre contra o povo iraquiano! Os revolucionários internacionalistas que assinamos esta declaração fazemos o compromisso de honra de impulsionar este combate e de levar este apelo e estas moções ao seio das organizações operárias e de luta dos explorados dos diferentes países nos que atuamos.

*Fracción Trotskista de Brasil (integrante de la TCI) – Worker's Group (Grupo de Obreros Comunistas) de Nueva Zelanda - Liga Trotskista Internacionalista de Perú; Liga Operária Internacionalista (Cuarta Internacional)- Democracia Operário de Argentina; Comitê Organizador de um Partido Operário Internacionalista (GOI-NOT) de Chile; Fracción Trotskista Internacionalista en el periódico "Nuevo Amanecer" de Bolivia (integrantes de la FTI-CI) - Partido Obrero Marxista (POM) de Brasil*

**Às Organizações Sindicais, populares, Associativas, Movimentos e Organizações partidárias que reivindicam o Socialismo,  
Ao CONLUTAS,  
Ao MST,  
Ao PSTU,  
Ao PSOL e  
A todas as Correntes e Organizações de esquerda:**

### **Em defesa de uma Central Proletária Soviética**

O presente texto tem por objetivo propiciar discussão no seio do Movimento Operário, Campônês e Popular no Brasil visando darmos um salto de qualidade em termos de Organização dos oprimidos brasileiros.

A vida Sindical brasileira foi marcada por experiências das correntes do anarquismo e do movimento socialista e fruto da imigração de mão de obra Italiana e Espanhola. Nossa primeira legislação trabalhista e sindical foi redigida inspirada na constituição de Mussolini.

Já no século XIX, surgiam as associações que deram origem aos sindicatos: as Ligas Operárias com a organização das primeiras greves, movimentos reivindicatórios destinados à redução das jornadas diárias, aumento de salários e melhores condições de trabalho.

Os movimentos dos trabalhadores brasileiros também ganharam novo alento com as notícias da Revolução Soviética de 1917.

Com a chamada revolução de 30 o então presidente da República, Getúlio Vargas, visando consolidar sua posição no cenário político através de medidas populares, empreende uma série de medidas visando a cooptação dos trabalhadores e à formação dos sindicatos, (criação do salário mínimo, da Justiça do Trabalho, instituição do imposto sindical e da jornada de trabalho

de oito horas, obrigatoriedade da carteira de trabalho). A oficialização dos sindicatos resultou da promulgação da CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), conjunto de leis trabalhistas vigente até nossos dias. Desta forma, os sindicatos, ainda que assumindo nova força política, passam a se situar sob grande controle do próprio estado.

Em 1947 abre se uma onda de repressão aos movimentos e as organizações partidárias (operárias) obrigando-as a passarem para a clandestinidade. O lema da burguesia era combater o perigo do Comunismo. Na década de 60 houve então uma inédita organização de trabalhadores do campo, surgindo no Nordeste as Ligas Camponezas, lutavam pela reforma agrária visando mais democracia na distribuição das terras então dominadas pelos grandes proprietários e posteriormente, através do Primeiro Congresso dos Trabalhadores do Campo, realizado em 1961, os trabalhadores rurais exigiam a validade da CLT também para suas atividades. Em 1962 foi criada a Confederação Geral dos Trabalhadores e outros órgãos similares.

Foi com o golpe militar desferido sobre os movimentos dos trabalhadores em 1964 e a instalação do regime militar, que a burguesia conseguiu reprimir e acabar com os sindicatos através de intervenções e prisões dos líderes sindicais independentes.

Após 14 anos de ditadura militar iniciou-se: os embriões do movimento sindical combativo que vinha a se potenciar na década de 80, dando surgimento ao Partido dos Trabalhadores e a CUT (Central Única dos Trabalhadores). O surgimento do PT e da própria CUT é marcado por 20 anos de jejum de discussão política (podemos dizer assim, apesar da militância clandestina e toda luta contra a repressão havida neste período). Este fator de jejum político, a repressão havida, o assassinato e exílio de valiosos quadros do movimento operário, a falta de condições propícias para a construção de novos quadros devido à repressão e ausência mesmo da democracia for-

mal, justifica as formulações teóricas programáticas vitoriosas no interior do PT, configurando-se como um partido burguês. No programa inicial do PT nunca esteve presente a estratégia revolucionária da ditadura do proletariado, as teses programáticas relacionadas à dualidade do poder burguês versus proletário se manifestava confusamente na defesa dos núcleos partidários por fábrica ou categoria versus os núcleos eleitorais nos bairros. Já no campo da CUT, a formulação próxima da dualidade de poder se manifestou na formulação inicial da Central dos Comandos de Base da CUT. Com as tentativas e luta pelas greves Gerais de 1983 e 1984. Estes Comandos de Base da CUT no ABC Paulista foram verdadeiros SOVIETES, agrupando toda a população oprimida em luta nos bairros operários, piquetes de greves de 5 a 8 mil pessoas percorriam as ruas, parando fábricas, expulsando a polícia,...vamos liberar, vamos liberar!... Por várias ocasiões houve confronto entre estes organismos e o dirigentes da Central que já dava os primeiros sintomas de combate burocrata. A vitória das massas e do Comando de Base era certa: fora burocratas pelegos! Assim se manifestavam em relação às lideranças operárias nos Sindicatos de então; hoje, são os nossos parlamentares e ministros. Os intelectuais burgueses e pequeno-burgueses que davam a linha programática ao PT e à CUT trataram logo de retirar da organização da Central a fórmula de organização de base superior.

O combate interno tanto no PT quanto na CUT foi ganho pela burguesia e seus agentes e o fator principal de peso que contribuiu para este fenômeno foi com certeza os 20 anos de jejum político. Hoje, após mais 20 anos de intensa movimentação política que representou a própria construção do PT e da CUT e todo o combate que se travou, não se pode retornar a um PT, nem mesmo o de origem ou uma Central, sem trabalharmos esta no sentido de armar os oprimidos brasileiros de esteios mestres no sentido da construção da dualidade de poder na cidade e no campo, burgueses versus proletários. Este é o sentido desta contribuição.

Hoje que está se mostrando claro para os oprimidos a verdadeira política que está por traz do PT e da estrutura da CUT com o exercício do poder destes, não podemos simplesmente voltar ao passado próximo sem voltar ao passado histórico na luta internacionalista, propiciando o debate capaz de contribuir para a construção de uma Organização operária no Brasil, capaz de unificar

todos os setores oprimidos, principalmente o operariado industrial e agrícola, os camponeses pobres que não exploram trabalho alheio, os pequenos sítiantes, os rendeiros, os bóias-frias, os sem-terra e as diversas categorias de assalariados, tanto na cidade como no campo, englobando os assalariados dos serviços públicos bem como a defesa destes.

Diante da transformação da CUT em agência do Estado burguês, diante do rompimento do melhor da vanguarda sindical com ela, da necessidade de impulsionarmos uma agitação pelo rompimento do conjunto dos trabalhadores, está colocada na ordem do dia a construção de uma nova organização, agora de nível superior, soviética. Nesse sentido, chamamos as organizações que compõem o CONLUTAS, o MST, os militantes e organizações que compõem o P-SoL, bem como, a militância de base petista e independente e todas as organizações que se reivindicam do campo do socialismo através do CONLUTAS a:

- Organizar seminários, encontros e plenárias públicas com participação da base em escala regional, estadual e nacional;

Que as forças que atuam na CONLUTAS, realizem, através das assembleias e plenárias de bairros, nos sindicatos nos movimentos populares, as associações de bairro, nos movimento estudantis, etc, chamando os trabalhadores a incorporarem na luta contra as reformas e na discussão e construção da nova Central revolucionária do conjunto do proletariado;

- Defenda a necessidade das assembleias unitárias com os setores em luta, propiciando o combate unitário dos trabalhadores contra as reformas, LRF, pagamento da Dívida externa, acesso à terra aos camponeses

Essa nova organização de massa, independente da burguesia e seus partidos, não deve se submeter à legalidade burguesa. O seu reconhecimento deve ser conquistado na luta do proletariado, imposto pela mobilização, pela organização de base, pelos comitês de auto-defesa, pela sua postura de independência política em relação à burguesia. Essa nova central deve apoiar-se num programa de independência de classe, de reivindicações transitórias: a defesa do emprego, da redução da jornada de trabalho, de um salário mínimo vital, seu reajuste automático, do controle operário da produção, controle da inflação, do custo de vida, da expropriação da terra, de trabalho e moradi-

a para todos, do justo intercâmbio entre a cidade e o campo, a defesa dos direitos sociais e trabalhistas, a expropriação dos capitalistas, dos setores-chaves da economia, de todos os serviços públicos, da socialização dos meios de produção (governo operário-camponês) como forma de enfrentar a barbárie capitalista, única alternativa do atual regime burguês. Esta é nossa contribuição aos agrupamentos que se disponham a compor esse movimento.

Para darmos impulso a esta luta e organização, convocamos um Congresso com delegados com mandatos revogáveis destas organizações e lutadores para formularmos de imediato uma ofensiva geral contra a reforma sindical e trabalhista em curso, contra a reforma universitária privatista e a reforma educacional que privatiza e precariza ainda mais a educação pública brasileira, por terra e condições de trabalho para os camponeses, por emprego, pelo salário mínimo vital, pela correção de todos os salários e pelo aumento automático destes.

Pela construção, na cidade e no campo, de uma Organização Unificada (Central) que incorpore todas as formas de organização dos trabalhadores da cidade e do campo que luta contra a exploração capitalista e pela socialização dos meios de produção (Socialismo). Com este objetivo, se estructure nas organizações livres dos trabalhadores, unificando-as e centralizando a luta por meios de Seminários e Plenárias Públicas com a participação da Base, Assembléias, Comandos de Base (formado pelas comissões de fábricas, Associações dos bairros, Movimentos, Organizações Operárias), regional, Estadual, Federal e Congressos.

### **São Paulo, outubro de 2004.**

Fração Trotskista

POM

Trincheira Marxista

CCR

Oposição Reconstruir na Apeoesp

Organizações que participam da seção brasileira do Comitê de Enlace por uma Conferência Internacional do Trotskismo principista e das Organizações Revolucionárias Internacionalistas.

O congresso da Apeoesp se realizou no período de 17 a 20 de novembro com a participação de 11 teses. Este congresso que deveria reorientar a categoria com uma política de defesa dos direitos e das conquistas dos trabalhadores em educação e pela melhoria da qualidade da educação e da escola pública, rompendo com a política do PT e dos ditames imperialistas, na verdade subordinou ainda mais os educadores a uma política neoliberal e portanto imperialista. A tese da Articulação Sindical juntamente com as teses da Artnova e PC do B apresentaram como justificativa que a precarização da educação pública é consequência da política dos governos FHC, Covas e Alckmin e não do capitalismo e defesa intransigente do governo Lula como uma alternativa para superar a miséria imposta pelo capitalismo, dizendo que um outro Brasil é possível. No entanto, o governo Lula segue a orientação da política do FMI e do imperialismo norte-americano.

Hoje, mais do que nunca o capitalismo vive uma crise profunda de superprodução e que se avoluma a cada dia. Sabe-se que em função desta crise o desemprego, a fome, a miséria e a violência se alastra pelo mundo afora e ao mesmo tempo os capitalistas acumulam somas infundáveis de capital nunca vista na história da humanidade. É fato consumado que a burguesia vem sobrevivendo em meio a esta crise às custas dos trabalhadores com a constante retirada de direitos trabalhistas.

A continuidade dos ataques aos nossos direitos se deu já no primeiro ano do governo Lula, quando em 2003 os trabalhadores dos serviços públicos presenciou a aprovação da segunda fase da reforma da previdência onde mais uma vez por imposição da burguesia imperialista este governo começa a implementar uma série de reformas, começando com a reforma da previdência, o que significou ainda mais o difícil acesso dos trabalhadores em geral a aposentadoria (aumento da idade), taxou os inativos em 11%, sobretaxou os servidores públicos do Estado de São Paulo em mais 5% e com isso vem levando a privatização do sistema previdenciário, fortalecendo os banqueiros e os capitalistas em geral.

Nesse mesmo ano de 2003 várias categorias, incluindo a nossa, se mobilizaram na tentativa de barrar a reforma com caravanas a Brasília e outras manifestações públicas e com algumas greves isoladas. No Estado de São Paulo a cate-

goria do professorado não deflagrou a greve porque a direção majoritária do nosso sindicato fez corpo mole, mesmo porque esta direção nos últimos anos tem dado sustentação política ao governo do PSDB, o que abriu caminho para que o governo Alckmin/Chalita intensificasse os ataques a escola pública e aos trabalhadores em educação. Agora, mais do que nunca a sustentação é para o governo Lula.

Para nós da Oposição Revolucionária, nos Congresso de 2003 e 2004 as teses defendidas pela Articulação, Artnova e PC do B reafirmaram o compromisso com os governos estadual e federal, afinados com a política do imperialismo. No entanto, e apesar das dificuldades, foi possível conquistar um espaço dentro do Congresso para propiciar o debate em torno do programa apresentado pela tese 6, o que nesse aspecto obtivemos vitória.

Nesse Congresso, tivemos a possibilidade de apresentar uma resolução sobre a invasão, ocupação e o massacre no Iraque. No entanto acabou sendo encaminhado para a discussão e aprovação no próximo CR.

Acreditamos sim que outro Brasil é possível, mas somente com a unidade de todos os trabalhadores na luta constante e ininterrupta contra os desmandos e os desprezos com que estamos sendo tratados pela burguesia, governos e direções traidoras. Esse outro Brasil só será possível com a socialização dos meios de produção.

Diante do quadro de miséria e barbárie, não devemos ficar a reboque das diretrizes educacionais impostas pelos governos. Não basta equipar as escolas com televisão, vídeo, computadores, retro-projetor, etc se não há condições de trabalho, pois as salas continuam superlotadas, as escolas estão sem funcionários e sem materiais didático-pedagógicos e as verbas são irrisórias, o que se explica as condições precárias em que as escolas se encontram.

Para nós professores, a unidade dos trabalhadores (professores, pais e alunos) na luta em defesa da escola pública e por melhores condições de trabalho se faz urgente e necessária. É só assim que iremos conseguir nossas conquistas.

Nesse sentido, estamos fazendo um chamado ao professorado descontente com essa direção para fazer fileira e construirmos uma Oposição Revolucionária baseada nos princípios e programa revolucionário, ou seja, uma Oposição que dê contra de unificar todos os trabalhadores nas greves, nas assembléias e nas manifestações de rua para travarmos uma luta em defesa e ampliação dos nossos direitos e tendo como objetivo fi-

nal a transformação da sociedade que só virá com a revolução social e o socialismo. Dessa forma transformará a educação que será moldada de acordo com os meios de produção coletivo ( base material da sociedade).

## **Chamado aos lutadores**

**O movimento pela reconstrução da escola Mário Santalúcia - Diadema, a Apeoesp e a Associação Oeste fazem um chamado a todos os lutadores, professores, pais e alunos para irmos até a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo no dia 08 de dezembro de 2004 para reivindicarmos o início imediato da construção da Escola Estadual Dr.Mário Santalúcia e a solução imediata para os problemas causados em virtude do fechamento desta escola, além do Quadro Escolar para 2005.**

**Marcha a Brasília contra a Refor-**

## ma Universitária do Governo Luta/PT

No último dia 25 de novembro, estiveram em Brasília por volta de 10 mil trabalhadores e estudantes em manifestação e protesto contra as reformas Trabalhista, Sindical, Educacional e Universitária de Lula/PT. O movimento foi organizado pela CONLUTAS (Coordenação Nacional de Lutas) e pelo CONLUTE (a CONLUTAS dos Estudantes) e contou com a participação de militantes do P-SoL, muitos militantes da esquerda do PT, sindicatos e outros tantos movimentos pelo Brasil a fora.

Devemos avaliar de forma positiva este movimento contra as reformas pois foi um grande esforço dos setores do Movimento Sindical e Popular que não se oficializaram.

Entretanto, o movimento tem que avançar. Não deve este movimento ficar somente nas caravanas e manifestações em ruas e praças públicas, nem somente com palavras de ordem. Não se está afirmando que isto não é válido, ao contrário, é muito importante. Devemos avançar para a construção de uma greve geral; isto sim, dará algum resultado.

Também é importante este movimento, pois confirma a necessidade de organizar a luta e serve também para desmascarar a CUT e a UNE, organismos totalmente atrelados ao governo e que estão na linha de frente apoiando as reformas.

O caminho deve ser o de reforçar a unificação das lutas em todo o país, pois este governo vai querer implementar as reformas a qualquer custo, uma vez que não são reformas especificamente deste ou daquele governo, mas sim, do imperialismo, ou seja, são reformas da burguesia mundial de adequação do Estado a crise avançada de superprodução capitalista.

O exército francês destruiu em 6

**Publicamos a seguir artigo do Grupo Bolchevik Francês.**

**RETIRADA IMEDIATA DE TODAS AS TROPAS FRANCESAS DA COSTA DO MARFIM!**

de novembro as forças aéreas de Costa do Marfim. No mesmo dia tomou o controle do aeroporto e de sua capital. Reprimiu as manifestações populares con-

tra estes atos colonialistas desencadeando, assim, os distúrbios do 7 de novembro contra os bairros povoados por europeus.

A burguesia francesa e seu estado, é responsáveis pelo subdesenvolvimento e da violência

O exército francês tem menos mercenários profissionais e menos armamento do que o exército estadunidense que causa estragos em Iraque. Mas não tem nada que lhe invejar quanto a brutalidade sobre os civis, travessuras e torturas se refere. A burguesia francesa é inferior por sua talha e, por tanto, por seus meios diplomáticos e militares, a seu rival estadunidense, mas não por sua tradição de pilhagem, dominação e colonialismo. Em resumo, o estado francês faz parte do clube das potências imperialistas que se disputam o planeta.

No século XIX, o exército francês colonizou boa parte de África mediante a mais pura violência, abrindo a via da pilhagem à burguesia francesa que, durante os séculos anteriores, tinha traficado com milhões de escravos arrancados do continente. A Costa do Marfim nunca escapou da dominação francesa apesar de sua independência formal em 1960, pois, para isso, teria feito falta uma revolução, a tomada do poder pelos trabalhadores de Costa do Marfim e dos países vizinhos. Os recursos de Costa do Marfim (cacau, algodão, café, pesca, porto, transportes ferroviários) são aproveitados, sobretudo, pelos estrangeiros, especialmente pelos capitalistas franceses. Esta região da África Ocidental e do Golfo de Guiné se revelou, cada vez mais, rica em petróleo e gás, riqueza que disputam os imperialismos francês e estadunidense.

Hoje em dia o imperialismo francês intervém em Costa do Marfim para manter as condições de exploração capitalista e para contrastar com a ascendente influência de seu rival estadunidense. Mais de uma quarta parte do

capital social das empresas da Costa do Marfim está em mãos das empresas francesas. Os grandes grupos capitalistas franceses (Total, Alcatel, Bolloré, Bouygues, France Telecom, Société Générale, Saupiquet...) controlam amplamente o crédito, a constru  o, o negócio dos produtos agrícolas, a telefonia, o transporte ferroviário, as refinarias, o água, etc. para garantir seus benefícios na África, o Estado Francês mant  m ali, permanentemente, a 10.000 militares.

Todos os governos franceses admitiram os encarceramentos, as execu  es e a corrup  o do regime de Houphou  t-Boigny e de Gbagbo, encarna  es políticas da burguesia compradora cristã do sul do país. Em ocasiões foram seus conselheiros diretos. A "política africana" levada a cabo por De Gaulle e Foccart, Chirac e Páscoa e Mitterrand pai e filho, provocou um genocídio contra os Tutsis em Ruanda 1994.

Ante o desencadeamento da violência militar e colonial, por ordem pessoal de Chirac, os partidos vindos da classe operária se comportaram como criados do presidente e seu exército:

"Quisera expressar a emo  o do Partido Socialista e nossa total solidariedade com as forças francesas em missão [...] Pedimos que os grupos parlamentares sejam informados sobre a questão..." (Julián Drav, porta-voz do PS, 8 de novembro)

"Já que se derramou sangue em Costa do Marfim, provocando dramas humanos inaceitáveis em nossos dois países e a morte de soldados franceses [...] permiti-me solicitar-vos uma reunião urgente da Assembléa Nacional [...] e debater sobre as iniciativas que França deve tomar..." (Marie-George Buffet, Secretário do PCF, ao premi  , 7 de novembro).

Os chefes reformistas recusam em exigir a retirada das tropas. Ao invés, associam-se às cerim  nias de união nacional organizadas por Chirac, Raffarin e Alliot-Marie por motivo do regresso dos corpos de 9 militares. Aprovam o envio de reforços. Reclamam que se lhes associe mais estreitamente a esta política de Chirac. Há que dizer que o PCF está, desde 1934, unido ao patriotismo ao que sucumbiu o PS a partir de 1914. Convertidos em social-

Chauvinistas, estes partidos renegaram toda luta antiimperialista e antinacionalista. O presidente Gbagbo    membro da Internacional 'Socialista'. Da mesma maneira que traem em França, chamando a votar a favor de Chirac em maio de 2002 ou apoiando a necessidade de reformas " contra as conquistas sociais, os partidos reformistas e as dire  es sindicais se encontram, também, ao lado dos capitalistas franceses e do exército imperialista contra os trabalhadores e a juventude de Costa do Marfim.

Basta de união nacional! Fora as mãos do imperialismo francês de Costa do Marfim!

Os que reprimem ao povo marfileno são os mesmo que nos exploram e que nos reprimem, que privatizam os serviços públicos e que estrangulam o direito    saúde,    instru  o, a uma pensão decente. O inimigo está em nosso próprio país. A derrota da interven  o colonial em Costa do Marfim frente    mobiliza  o popular seria um estímulo para os trabalhadores do mundo inteiro, incluindo    classe operária francesa.

Retirada imediata de todas as tropas francesas de Costa do Marfim! ;Nenhuma interven  o militar da ONU! Fechamento de todas as bases militares francesas em África! Retirada imediata das tropas francesas de Haiti e de Afeganistão!

Manifesta  o de todas as organiza  es operárias, partidos (PCF, OS, LCR, LO) e sindicatos, a favor da retirada das tropas coloniais, da anula  o da d  vida, contra o governo Chirac-Barnier-Alliot-Marie! Sua responsabilidade    exigir greves e bloqueios (nos portos, aeroportos, telecomunica  es...) para impedir a interven  o imperialista.

**14 de novembro de 2004.**

**Grupo Bolchevik  
pela constru  o do partido operário revolucionário,  
da internacional operária revolucionária**

**Página em internet: : [www.revolution-socialiste.info](http://www.revolution-socialiste.info) ; correio postal: r  so – ageca service bp – 177 rue de Charonne – F-75011 Paris – França**

Este texto foi extraído e pouco resumido (devido sua importância) dos escritos de Leon Trotsky, escritos estes, que constam do livro **ARTE DA INSURREIÇÃO**.

## APRESENTAÇÃO

**Leon Trotsky** não foi apenas um estupendo e genial autor que enriqueceu e dotou o marxismo de um complexo sistema de análise do capitalismo e dos percalços revolucionários na construção do socialismo no mundo contemporâneo. Trotsky sempre soube que o critério de verdade para os marxistas é a prática social e jamais se contentou em ser um mero espectador ou mesmo um acadêmico comentarista da história.

Seu esforço intelectual não reflete apenas argúcia e bem trabalhado estilo literário. Entendemos sua obra fundamentalmente como uma ferramenta, um instrumento necessário ao desenvolvimento de uma intervenção revolucionária consciente e radicalmente transformadora; trata-se de um programa político, um programa de transição, para todos aqueles que lutam pela superação das atrocidades cometidas contra a humanidade em todo e qualquer lugar do planeta.

Leon Trotsky comandou o **Exército Vermelho**, nas jornadas revolucionárias que culminaram na vitória e na consolidação da monumental **Revolução Russa de 1917**; compreendendo, desde a primeira hora, os malefícios da burocratização e degeneração do **Estado Soviético**, organizou política e intelectualmente a **Oposição de Esquerda**; tiranicamente perseguido por **Stálin**, jamais se intimidou ou ocultou seus propósitos: fiel aos seus princípios e com grande capacidade de organização e aglutinação política, fundou e impulsionou internacionalmente a **IV Internacional, o Partido Mundial da Revolução**, consciente de que a revolução socialista começa no cenário nacional, mas somente pode realizar-se plenamente na esfera mundial.

Com a fundação da IV internacional, diante dos olhos dos incautos, desnudava-se o caráter reacionário e anti-socialista da política stalinista à frente do Estado Soviético. Mais do que isto, com ela buscava-se estabelecer as condições teóricas, políticas e de militância internacionalista necessárias ao entendimento e a busca da superação da **contra-revolução** que se iniciou com a chegada de **Stálin ao poder, logo depois da morte de Lênin**, em janeiro de 1924, encontrou plena expressão durante a década de 30, com a deportação em massa dos camponeses, a liquidação física dos **“velhos bolcheviques”** e a instituição dos macabros e fraudulentos **processos de Moscou**.

No calor da hora, Trotsky preocupou-se com as circunstâncias que engendraram e tornaram possível o desenvolvimento histórico do stalinismo - o desgaste social, a pobreza interminável, a falta de cultura, asfixia do pensamento marxista independente, quebra do ânimo entre os velhos quadros bolcheviques e perseguição política desenfreada.

Trotsky iniciou uma paciente e criteriosa análise do fenômeno social que o stalinismo representava e o seu caráter retrógrado e semeador de derrotas para o proletariado mundial. \*A “reação termidoriana” pôs fim ao período radi-

cal da Revolução Francesa, não tendo significado, contudo, a liquidação de suas “conquistas sociais básicas”, isto é, a destruição da monarquia e a capacitação da economia burguesa. Na opinião crítica e contundente de Trotsky, um processo similar começava a se desenvolver no país dos **soviets**: os herdeiros políticos de outubro tinham sido derrotados mas os alicerces do Estado dos trabalhadores permaneciam, porém, as conquistas da revolução estavam irredutivelmente ameaçadas: “a pobreza - é o próprio Trotsky quem escreve - e o atraso cultural das massas voltaram a encarnar-se na figura maligna do dirigente que brande um cacete gigantesco. A burocracia deixou de ser um servo da sociedade e voltou à condição de seu senhor. Neste caminho atingiu um tal grau de **alienação social e moral** das massas populares que não mais permite qualquer controle, seja sobre suas atividades seja sobre suas rendas”.

Trotsky e seus camaradas da **Oposição de Esquerda**, entre eles, Preobrazhensky e Rakovsky, esforçaram-se em mostrar que a ascensão da burocracia stalinista não se deu em virtude de fatores pessoais, mas em razão de fenômenos sociais profundos. Rakovsky, com muita clarividência identificava que, “por métodos desmoralizadores, que convertem comunistas pensantes em máquinas, destruindo a vontade, o caráter e a dignidade humana, os círculos (stalinistas) conseguiram converter-se numa oligarquia inarredável e inviolada, que substitui a classe e o partido”.

Tendo consolidado seu poder ditatorial e **bonapartista**, Stálin e sua nova **casta** de burocratas partiram para explorar as oportunidades de planejamento econômico burocrático centralizado, peculiares a uma economia nacionalizada. Trotsky colocou-se como um poderoso crítico intelectual e militante desse processo de traição das conquistas sociais da revolução de outubro e dos seus mais sentidos ideais e esperanças no despertar libertário de uma nova humanidade.

A partir daí, a trajetória de Trotsky constituiu-se, principalmente, com a redação e difícil publicação de **Burocratismo e Revolução** e também com a organização da **Oposição de Esquerda**, ambos em 1923, como um permanente combate à burocracia stalinista; a denúncia da transformação do partido bolchevique numa agremiação de funcionários do Estado preocupados apenas com os seus interesses mesquinhos e privilégios pessoais; a advertência do nefasto e trágico significado da eliminação da primeira geração de revolucionários bolcheviques e a perseguição das oposições em geral.

O fulcro da argumentação de Trotsky situa-se nas teses da revolução permanente, onde não se segmenta os diferentes estágios de uma revolução nacional, nem se seccionam etapas políticas, econômicas, culturais etc, nem se isola o nacional do mundial. Este processo se desenvolveu logo após a morte de Lênin com a ascensão de Stálin no poder.

A solução consiste na internacionalização do processo revolucionário. Num país como a Rússia, que de forma isolada aboliu as relações capitalistas de produção e que tinha sua política tendo como objetivo fundamental as premissas da internacionalização, atenderia a duas necessidades associadas. A primeira, de estender a revolução para outros países e a segunda de manutenção do internacionalismo, única forma de abolir os estados capitalistas para assim construir o socialismo, rumo a sociedade comunista.

A revolução é sempre vista como um processo histórico, não cabendo assim um Estado operário levar a revo-

lução a outros países na ponta de baionetas. Trata-se de opor ao capitalismo internacional e fazer com vigor o internacionalismo proletário, enfrentando e desestimulando intervenções imperialistas, e concedendo ajuda ampla aos movimentos nacionais. Trotsky considera que um Estado operário seguindo essa política, teria condições de prestar imensa ajuda à revolução mundial, além de intensificar sua própria revolução.

\* Termidor (julho) foi o mês em que, no ano de 1794, Robespierre foi derrubado do poder pela ala conservadora dos jacobinos, criando-se assim a reação termidoriana.

## CULTURA E SOCIALISMO

Cultura significou originalmente, campo arado e cultivado, diferente da floresta e solo virgens. A cultura se contrapõe à natureza, isto é, o que era conquistado pela força do homem se contrapõe ao que era dado pela natureza. Esta antítese conserva ainda seu valor substancial.

Cultura é aquilo que foi criado, construído, apreendido, conquistado pelo homem no curso de toda a sua história, em contraposição ao que a natureza lhe deu, compreendida aí a história natural do homem como espécie animal. O momento em que o homem se separou do reino animal foi quando segurou pela primeira vez os instrumentos de pedra e de madeira. É nesse momento que começa a criação e acumulação de cultura, isto é, do conhecimento e da capacidade de todos os tipos para enfrentar e subjugar a natureza.

Quando falamos da cultura acumulada, pensamos logo nas primeiras realizações materiais sob a forma de instrumentos, máquinas, construções, monumentos e etc. Sem dúvida, trata-se das formas materiais nas quais a cultura é colocada, da cultura materializada. Esta cultura cria, com base na natureza, o pano de fundo da nossa vida, do nosso modo de viver cotidiano, do nosso trabalho criativo. A parte mais preciosa da cultura é aquela que se deposita na consciência do próprio homem: o método, os costumes, a capacidade, a habilidade que adquirimos e que se desenvolveu partindo de toda a cultura material pré-existente e que, embora se prendendo a ela, faz com que progrida de acordo com a época. Então, a cultura se desenvolve graças a luta do homem contra a natureza, pela sua existência, pela melhoria de suas condições de vida. Desse modo, também, se desenvolveram as classes. No processo e adaptação à natureza, em conflito com as forças hostis, a sociedade humana vem se delineando como uma complexa organização de classes. A estrutura de classe da sociedade determinou o conteúdo e a forma da história humana, ou seja, as relações materiais e seus reflexos ideológicos. Isto significa que a cultura histórica assumiu um caráter de classe.

As sociedades dos proprietários de escravos, dos servos e dos capitalistas, produziram cada uma delas uma cultura correspondente, diferentes nas diversas fases e com uma multiplicidade de formas transitórias. Uma sociedade de exploradores originou uma cultura de exploradores.

Aqui existe uma profunda contradição, ou seja, tudo aquilo que foi conquistado, criado, construído pelo esforço do homem e que serve para aumentar seu poder, é cultura. Como não se trata do homem considerado individualmente, mas do homem socialmente, como a cultura é um fenômeno sociohistórico socialmente pela sua natureza, e

como a sociedade histórica tem sido e continua sendo uma sociedade de classes, a cultura acabou se tornando o instrumento de opressão de classes. **Marx dizia:** “as idéias dominantes numa determinada época são essencialmente as idéias de classe dominante daquela época”. **Contudo, dizemos à classe operária: apropriem-se de toda a cultura do passado, de outra maneira não construirão o socialismo.**

Muitos tropeçam nesta contradição e aqui nos encontramos diante de um obstáculo, porque temos uma compreensão superficial, semi-idealista, da sociedade de classes, e esquecemos que o fundamental é a organização da produção. Cada sociedade de classes forma-se sobre a base de normas bem definidas de luta contra a natureza, e estas normas são modificadas em relação ao desenvolvimento da técnica. Sem dúvida, a força produtiva é a base das bases. Sobre esta base, num certo nível de seu desenvolvimento, formam-se e reformam-se as classes. Nas forças produtivas expressa-se materialmente a habilidade econômica da humanidade, sua capacidade de assegurar a própria existência. Esta dinâmica fundamenta as classes que, nas suas relações recíprocas, determinam o caráter da cultura.

A técnica é a conquista fundamental da humanidade: embora tenha servido como instrumento de exploração é, ao mesmo tempo, condição essencial para a emancipação do explorado. A máquina sufoca o escravo assalariado. Mas este somente pode libertar-se através da máquina. Aqui está a raiz de toda a questão.

A força motriz do processo histórico são as forças produtivas que liberam o homem da natureza, compreendendo, que o proletariado necessita apoderar-se de toda a soma de conhecimento e da capacidade elaborada pela humanidade no curso de sua história, para poder emancipar-se e reconstruir a vida sobre a base dos princípios de solidariedade.

A técnica não pode ser contraposta à cultura, porque é a mola principal. Sem técnica não há cultura. O desenvolvimento da técnica faz a cultura progredir. Mas a ciência e a cultura em geral constituem os fundamentos da técnica e ajuda poderosa para seu desenvolvimento posterior. A estrutura de classe da sociedade influencia também os meios de comunicação.

Antes do surgimento das ferrovias, a civilização restringia-se ao litoral ou à margem dos grandes rios. As ferrovias abriram conhecimentos inteiros à cultura capitalista. E, neste caso um dos principais motivos do atraso e da deslocação no campo russo foi a falta de ferrovias, de estradas asfaltadas e de estradas secundárias. Devemos vencer nosso grande aliado que é, ao mesmo tempo, nosso maior adversário: o grande espaço. A economia socialista é uma economia planificada. A planificação pressupõe antes de mais nada as comunicações. Os meios de comunicação mais importantes são as rodovias e as ferrovias. Cada nova linha rodoviária e ferroviária é um caminho para a cultura e, na nossa situação é um caminho para o socialismo. A divisão de classes desaparecerá.

Lembremos dos instrumentos militares, dos meios de extermínios, cuja natureza de classe da sociedade se exprime de maneira particularmente clara e revoltante. Mas não existe substância destrutiva cuja descoberta não é em si mesma uma inestimável conquista científica e técnica. As substâncias explosivas e venenosas podem ser usadas também com objetivos criativos e não só para fins de destruição, e abrem novas possibilidades no campo das descobertas e invenções.

O proletariado pode conquistar o poder somente

(Continua na página 18)

quebrando o velho aparelho do Estado de classe. Mas, ao construir a nova máquina estatal, compreendemos que, numa medida realmente considerável, deveríamos usar elementos da antiga. A posterior reconstrução socialista da máquina estatal está ligada indissolivelmente à nossa atividade política, econômica e cultural em geral.

A técnica não deve ser destruída, pois o proletariado apodera-se das fábricas aparelhadas pela burguesia nas condições que a revolução as encontrarão. Os antigos equipamentos servem até hoje e isto demonstra que não devemos renunciar a “herança”. A revolução é empreendida para se apossar da “herança”. A antiga técnica conquistada através da revolução deve ser adequada ao socialismo, pois não deve se cristalizar como anarquia da economia capitalista. A concorrência provoca a diversificação do comércio com o objetivo de lucro, o desenvolvimento desigual dos diversos setores da economia, o parcelamento da agricultura, a exploração da energia humana, tudo isso, na técnica, se exprime em ferro e bronze. Mas, enquanto a máquina da opressão de classe pode ser quebrada por um golpe revolucionário, a máquina produtiva da anarquia capitalista pode ser reconstruída apenas gradualmente.

A cultura espiritual é contraditória como a cultura material. E como dos resíduos e arsenais da cultura material aprendemos e colocamos em circulação não arcos e flechas, nem instrumentos de pedra ou da idade do bronze, mas os instrumentos mais aperfeiçoados que poderemos ter, fruto da técnica mais atualizada, do mesmo modo devemos confrontarmos com a cultura espiritual.

O elemento fundamental da cultura da antiga sociedade era a religião. Esta forma de conhecimento refletia acima de tudo a debilidade do homem face à natureza e à sua impotência na sociedade. Rejeitamos completamente a religião com todas as suas alternativas. Decorrente disso, devemos apreender da filosofia criada pela sociedade de classes dois elementos inestimáveis: o materialismo e a dialética. Da combinação do materialismo com a dialética nasceu o método de Marx, que deu origem a seu sistema. Este método é a base do leninismo.

Hoje, nos encontramos diante de imensa reserva de conhecimentos e de capacidade acumulada pela humanidade no curso de sua longa existência. Pode-se demonstrar que na ciência, cujo objetivo é o conhecimento da realidade, são muito tendenciosas as adulterações de classe. Devemos ter em conta o fato de que o trabalho científico é fundamentalmente alimentado pela exigência de adquirir o conhecimento da natureza.

As teorias socialistas, despertadas pela luta de classe do proletariado, sobre a base da ciência burguesa e da crítica a esta ciência, apreenderam com os ensinamentos de Marx e Engels o poderoso método do materialismo histórico e sua incompatível aplicação em **O capital**. Isto não significa que estamos garantidos contra a influência das idéias burguesas no terreno da economia e da sociologia em geral. Neste campo podemos valer-nos dos critérios indispensáveis do marxismo, analisado e enriquecido na obra de Lênin.

Nas questões referentes à lei, à moralidade e à ideologia em geral, as condições da ciência burguesa são ainda mais lamentáveis que no campo econômico.

A dialética e o materialismo são os elementos fundamentais do conhecimento marxista do mundo. Isto não significa de fato que possam ser aplicados a qualquer esfera do conhecimento como uma chave que abre todas as portas. A dialética não pode ser imposta aos fatos, deve ser deduzida dos fatos, da sua natureza, do seu desenvolvimento. Ape-

nas um trabalho minucioso sobre enorme massa de dados permitiu a Marx fazer progredir o sistema dialético da economia até a concepção do valor como trabalho social. A depuração da ciência burguesa pressupõe o conhecimento da ciência burguesa. Nada será obtido com uma crítica sumária e com bruscas intimações. Aprender e aplicar são condições para uma reelaboração crítica. Só o método não basta para proceder a generalizações.

A crítica marxista na ciência deve ser não apenas vigilante, mas também prudente. A heterogeneidade da nossa herança científica e complexidade dos modos pelos quais o proletariado pode progredir no domínio dessa herança é parcialmente demonstrado.

A arte é um dos modos com que os homens se orientam no mundo. A herança da arte não se distingue da ciência e da técnica. A arte é uma forma de conhecimento do mundo, não como um conjunto de leis, mas como um conjunto de imagens, e ao mesmo tempo em modo de inspirar certos sentimentos e estados de ânimo. O domínio da arte do passado é condição necessária não só para criação da nova arte, mas também para a construção de uma nova sociedade, uma vez que há necessidade de pessoas com uma inteligência altamente desenvolvida. Se repudiássemos a arte do passado, nos tornaríamos ao mesmo tempo espiritualmente mais pobres.

Hoje a tendência é que a idéia de que a arte tem como objetivo somente a inspiração de certos estados de ânimo e não o conhecimento da realidade. O significado da arte como meio de conhecimento, também para a massa do povo e em particular para ela, não é em nada inferior ao seu significado “sentimental”. Tentativas de aproximar todas as formas de arte à música considerada como arte de “contaminação” tem sido executadas freqüentemente e tem sempre implicado numa desvalorização na arte da função da inteligência em favor de amorfo modo de sentir; neste sentido foram e são reacionárias... Ainda pior, naturalmente, aquelas obras de arte que não fornecem nenhum conhecimento gráfico nem “contaminação” artística, mas em compensação avançam pretensões exorbitantes.

A cultura é um fenômeno social. Por isso o idioma, como meio de comunicação entre os homens é seu instrumento mais precioso. A cultura lingüística é a condição mais importante para o desenvolvimento de todos os setores da cultura, em particular da ciência e da arte. Como a técnica que não se contenta com os velhos instrumentos de medida, mas sempre cria novos, micrômetros, voltímetros e assim por diante, esforçando-se para atingir uma precisão sempre maior, assim também no que respeita ao idioma, a capacidade de escolher a palavra apropriada e de combiná-la adequadamente, é necessário um trabalho atento para poder atingir o mais alto grau de precisão, de clareza e vivacidade. A base desse trabalho deve ser a luta contra o analfabetismo e o semi-analfabetismo. A fase seguinte será a apropriação da literatura clássica russa.

Sim, a cultura é o instrumento principal da opressão de classe. Mas também a cultura, e apenas ela, pode tornar-se um instrumento da emancipação socialista.





































